CONHECIMENTOS UTEIS.

OBRAS PUBLICAS.

202 Diz-se que a 'Companhia das Obras-publicas' tomára a seu serviço um habil ingenheiro extrangeiro, e que tem empregado tambem alguns distinctos ingenheiros portuguezes: falla-se n'um plano de admissão de outros individuos que reunam á sua capacidade os estudos especiaes, indispensaveis; e tambem se falla de trabalhos que vão começar em grande escalla. Affirma-se que effectivamente continúa a estrada de Lisboa ao Porto. Mas a obra das estradas do Minho, e, segundo vemos pelos annuncios, a de Lisboa a Torres-Vedras, são, ao que me parece, as unicas obras que ao presente se podem julgar em andamento.

Não sei se o tempo de duração da Companhia comportava maior actividade, nem mesmo estou habilitado para saber os preparativos que faz, e se o desinvolvimento d'elles será tal que embargue por uma vez todas as observações que a esse respeito se teem feito. Dois, principalmente, são os meus fins: o primeiro, chamar a attenção sôbre a inscripção que se vai fazer de trabalhadores na Estremadura, para que n'esta provincia não succeda o mesmo que na do Minho; segundo, fazer observar quanto conviria, á Companhia mesma, dar toda a publicidade possivel a todos os seus actos, que não implicassem com os seus interesses — ja se ve.

A 'Companhia das Obras-publicas' não é uma Companhia ordinaria cuja gerencia de fundos interesse somente os seus accionistas, e que a ninguem mais tenha que dar contas; a 'Companhia das Obras-publicas' é gerente de consideraveis fundos da nação, e a acção do seu podêr importa a todo o paiz, toca mediata ou immediatamente todos os interesses publicos. Uma immensa responsabilidade pésa sôbre ésta Companhia, de que ella, sem dúvida, se desempenhará mui satisfatoriamente, mas da qual em todos os circulos, particular e publicamente, se lhe estão todos os dias pedindo contas. Desde a sua instituição tem ella sido alvo de exaggerados encomios e não menos exaggeradas censuras: para uns ha de ella felicitar o paiz com uma vara magica de portentosa prosperidade; para outros nada mais é do que a agiotagem a locupletar-se, o exclusivismo do monopolio. Nem uns nem outros teem razão. Os que encarecem os beneficios fazem mal á Companhia porque ella não póde justificar todas as suas brilhantes promessas; os outros ainda peior lhe fazem encutindo uma desconfiança a que a sua mesma consciencia lhes deve repugnar como desastrosa aos interesses dos associados e nociva para o paiz.

No emtanto a 'Companhia' evitaria tudo quanto incompetentemente d'ella se tem dito ou haja de dizer — e havia de apresentar-se nobremente ao paiz, se com franqueza désse publicidade aos seus actos, se não figurasse mysterio o que ella mesma tem interesse em que o não seja — e que na realidade não é, porque ao cabo tudo isso se vem a fazer publicamente e cahe no dominio público.

Infelizmente, em Portugal a carencia de publicidade é quasi absoluta em todas as coisas. Não porque não haja sufficiente número de jornaes, mas porque estes vivem mais das noticias diversas—algumas bem indevidamente copiadas, dos jornaes extrangeiros, do que se occupam de participar e moralisar o que se passa no paiz. Mas ha ainda outra causa, que é talvez a efficiente d'esta grande lacuna do nosso jornalismo — é o deleixo, e por vezes a má vontade das pessoas, repartições ou sociedades, a quem mais importava promover e procurar essa publicidade. Não é raro acontecer — quem sabe se a Revista o terá ja feito, apezar de toda a prudencia que n'esse ponto emprégo — não será raro acontecer escrever-se infundadamente, aventurar-se uma injustiça, formar-se um falso juizo, em razão da falta de publicidade dos elementos no assumpto de que se tracta.

Não so não ha dados statisticos officiaes para estabelecer uma analyse, ou servirem de thema a uma discussão e de ponto de partida para as ideas, em quasi todos os objectos economicos, administrativos etc., etc.; mas nada se usa tambem communicar do que succede, mesmo em proveito commum do paiz. É inconcebivel mas é verdadeiro.

A 'Companhia das Obras-publicas,' acho eu, obraria pois muito conveniente, nobre e illustradamente, dando este exemplo de publicidade, patenteando toda a generosidade das suas vistas, e manifestando assim a sua deferencia para com a opinião pública.

Quando se tracta de gerir e applicar os fundos da nação, quando ha uma grandiosa missão a desempenhar, a simples approvação so da consciencia não basta; é mister tambem, e por todos os modos se deve grangear, a approvação pública. Embora a Companhia esteja forte na consciencia do optimismo mesmo dos seus actos, embora dê conta de todos elles ao govêrno; acima de um e outro d'estes juizes — de todos os juizes — está a opinião pública. O proprio govêrno é o primeiro a dar o exemplo e a reconhecer ésta doutrina, de que não se póde sahir n'um paiz regido constitucionalmente. O govêrno tem obrigação de apresentar no parlamento as contas da sua gerencia, e o govêrno publica alem d'isso na folha official, todos os mezes, as contas geraes e particulares de cada ministerio; e, diariamente, os diplomas das providencias que toma para administração do paiz. Ésta publicidade nos govêrnos constitucionaes, repito, não é so uma necessidade de dar conhecimento dos actos governativos a quem elles importam, havia para isso muitos outros meios, é mais que tudo uma homenagem prestada á nação que contribue para a administração do Estado, e tem consequentemente direito a saber como essa administração se pratica.

Não é censura. Parece-me não haver por emquanto razões para inflingil-a. E' um effeito da convicção da conveniencia de se praticar assim, e porventura os desejos de fazer serviços a uma instituição de que podem provir incalculaveis proveitos para o paiz, que me incitou a fallar n'este ponto; e não terminarei ainda sem chamar a attenção da Companhia para o annuncio feito pelos lavradores do Douro. A gente empregada nas estradas, fez escacear os braços nos trabalhos agriculas. Não obstante o mau-estado, pelo lado pecuniario, d'esta industria actualmente, e serem esses trabalhos ja excessivamente pagos, assim mesmo os lavradores teem-se visto na precisão de offerecerem maiores jornaes, e quasi sem resultado.

Este ponto é sério e muito sério. Já no n.º 2 e ainda no 4.º da Revista, alguma coisa disse sobre elle, por ter antevisto este resultado, que de modo al-

gum era difficil de prever. Figura-se-me que haveria meios, pelo menos de attenuar, este roubo de braços á agricultura. Por essa occasião lembrei alguns, e outros poderiam ainda lembrar. O tempo dos trabalhos ararios chega: a colheita foi má este anno: no districto do Porto, até se fazem praces para alcançar tempo propicio: n'estas circumstancias, uma falta de cultura seria das mais funestas consequencias.

Os interesses de um Estado incadeam-se e tocam-se todos; deixar uns por outros é gravissimo êrro. Todos merecem igual solicitude; todos necessitam a mesma attenção. Por Deus sejamos cautellosos e prudentes em objectos de tamanha gravidade! Por melhor que seja uma concepção, a execução d'ella póde tornal-a pessima. Ora, é possivel que na provincia da Estremadura, venha ainda a acontecer peior que na do Minho. A provincia do Minho, não só é a mais povoada de Portugal, mas em relação ao territorio, tem mais do triplo dos habitantes da Estremadura. Já se vê pois que sendo a superficie d'esta provincia quasi quatro vezes maior que a do Minho, e tendo menor numero de habitantes, ha na Extremadura maior somma de trabalho, e menor somma de braços; e se aos novos trabalhos que vão imprehender-se, ajuntar-mos os que estão em andamento da valla d'Azambuja, que emprega obra de 2,000 operarios: bem se conhecerá com quanta prudencia se necessita de fazer a inscri - ção de trabalhadores para a estrada de Torres, especialmente na quadra em que vamos entrar — em que devem começar os trabalhos agriculas, e mormente se entrar em trabalhos a estrada do Porto!

Não sería pois mais conveniente talvez, repartir os trabalhos por todas as provincias do reino promiscuamente, em vez de os centralizar n'uma ou duas provincias? Não sería isto mesmo, porventura, mais vantajoso para as mesmas communicações que se pretendem estabelecer? Pois em quanto na provincia da Estremadura se trabalha na canalisação do Tejo, e em duas estradas importantes, afóra as obras que se vão intentar em Lisboa, e não sei que outras em projecto, que absorverão quantos braços a ellas possam concorrer; estarão as outras provincias todas, principalmente a populosa Beira, sem emprego a seus habitantes, sem começo de nenhuma obra de communicação, que ainda mais necessaria lhes é, especialmente ao Alemtejo; em quanto que para ellas pagam tanto e ao mesmo tempo que as outras? Reparta-se igualmente o bem e o mal por todos os habitantes do paiz, quando isso é possivel; e no caso em que estamos, ninguem negará que não seja possivel, mas até util e conveniente.

Por outra parte, não será acertado aproveitar todos ou alguns dos meios já lembrados, para procurar braços para as obras-publicas? Pois hade-se fazer a inscripção so dos homens activos, que buscam o trabalho onde mais conta lhe faz, divertil-os assim dos trabalhos agriculas, e deixam-se os vadios e os mendigos, continuar na preguiça incommodativa e perigosa em que existem. Uma grande parte dos leitores não suppõe siquer o número d'esses vagabundos, que transitam pelas estradas e aldeias, sendo pesados aos habitantes e fazendo de ratoneiros sempre que podem? Os presos, os asylados, o exercito mesmo, não podem fornecer trabalhadores? Centos de cada classe fazem milhares. Sáia-se uma vez, ao menos para ensaio, do ramrão dos nossos antigos habitos. Projectos novos, provocam novos meios de execução; concepções grandiosas, demandam tambem grandiosos meios de as pôr em pratica.

MANGUEIRAS DAS BOMBAS.

203. As mangueiras feitas de fio de canhamo ou de linho, são muito mais solidas e duraveis do que as de coiro, especialmente quando ha cuidado de as aleatroar ou untar com oleo hemidefugo, fundindo com estes ingredientes uma decima parte de sebo. O custo d'éstas mangueiras é menor quasi metade do que as de coiro, e decerto resultará uma não pequena economia se as preferirem para uso das bombas dos incendios.

O govêrno Belga ja deu a preferencia a éstas mangueiras, ordenando que fossem empregadas em todos os navios do Estado.

(*Dict. des Ménag.*)

INSTRUCÇÃO E POLICIA MEDICA EM PORTUGAL.

204 Por muito tempo foi Portugal mero expectador dos progressos que em toda a Europa faziam diariamente as sciencias e as artes. As associações que por la concorriam para o desinvolvimento da industria e para gôsto da instrucção, por ca ou se não criavam ou não prosperavam. Assim os diversos homens especiaes, isolados e sem protecção, não avançavam um passo no exercicio de suas profissões; e em resultado o paiz não se tirava do estado de atrazo em que todos ainda o conhecemos. Chegou porem um dia em que os portuguezes conhecendo quão grande é a força e o poder dos homens quando associados, se deliberaram a installar sociedades, com o fim de protegerem e fomentarem as sciencias e as artes. E com effeito algumas d'ellas produziram taes fructos, que alem de melhorarem o ramo a que pertenciam, serviram de incentivo para que taes instituições se generalisassem, creando-se associações em quasi todos os ramos scientificos e industriaes, que postoque hoje vão deixando pela maior parte de fructificar, como a principio, e de terem vida tão activa como é mister; comtudo não se podem dizer mortas ou extinctas.

É necessario pois para não retrogradarmos, não perder o que tanto custou a alcançar; e se os interesses pessoaes, que resultam do augmento dos diversos ramos a que cada um de nós pertence, não serve de incentivo para nos tornarmos activos em animar taes instituições, sirva-nos de estimulo o exemplo dos extrangeiros a quem em tantas coisas, ás vezes bem pouco boas, desejâmos evitar; para não deixarmos de sustentar as sociedades scientificas, que devem ingrandecer o paiz em instrucção, e enriquecel-o em bens.

Olhe-se para a nobre corporação medica de França, que não deixa de empregar todos os meios de conservar seus direitos e augmentar sua instrucção; veja-se como os pharmaceuticos francezes concorrem para elevar sua importante classe ao nivel dos outros ramos da grande familia medica; em quanto que nós dormimos a somno solto na presença de uma falta quasi absoluta de fiscalisação, que reprima os abusos que quotidianamente se commettem no exercicio da arte de curar—na falta de uma eschola de pharmacia, onde os alumnos pharmaceuticos vão utilmente ap-

plicar um precioso tempo — e á vista de uma alluvião espantosa de más lojas, denominadas *drogarias e herbolarios*, a ministrarem toda a especie de medicamento e venenos.

La estão os zelosos francezes formando um congresso medico, para o qual são convidados todos os doutores em medicina e cirurgia, e os pharmaceuticos e medicos veterenarios; e cuja abertura deve ter logar em Paris no primeiro do proximo novembro. Uma commissão permanente do congresso medico se acha em exercicio, tendo sido nomeada pelos delegados, que para isso foram nomeados por todas as sociedades dos differentes ramos da medicina; figuram n'ésta commissão os nomes mais respeitaveis d'entre os sabios francezes. No aviso convocatorio para o referido dia, declara a commissão que o congresso medico tem por fim discutir o programma das questões relativas á organisação do ensino e exercicio da medicina, pharmacia e arte veterinaria; depois do que se organisará uma proposta de lei, que deve ser entregue aos ministros competentes de instrucção publica e agricultura e commercio, e aos pares e deputados, para que convertendo-a em lei fiquem satisfeitos os seus votos.

São grandes e importantes todas as questões que apparecem exaradas no programma que deve regular o congresso medico: dizem ellas igualmente respeito aos tres ramos de medicina e á arte veterinaria: em referencia a cada um d'elles apparecem pontos importantes, que nós deveriamos aproveitar a fim de melhorar certas circumstancias que entre nós se dão nos que professam a nobre arte de curar.

É necessario e mesmo indispensavel que se exija dos que pertenderem exercer qualquer dos ramos da medicina, uma somma de conhecimentos theoricos, que abone seu saber e capacidade, para o exercicio de uma profissão, a que continuamente se entregam não só a vida dos infelizes pacientes, victimas de doença, mas tambem a sorte de familias inteiras, que muitas vezes podem soffrer mudanças essenciaes na sua posição social, motivadas pela decizão de qualquer causa de medicina legal a que sejam sujeitas; mas tambem é necessario que a par d'estes conhecimentos lhes sejam garantidos interesses e meios que lhe segurem uma independencia absoluta, para que a necessidade os não leve á corrupção.

É por isso que o congresso medico de Paris, tem de se occupar da discussão de questões que todas tem por fim augmentarem a sabedoria e a independencia dos congregados: taes são os fins d'aquella reunião, que oxalá servisse de exemplo e incentivo aos medicos, cirurgiões e pharmaceuticos portuguezes, para incessantemente representarem a necessidade de reformar e melhorar as leis de instrucção e policia medica, que tanto carecem de ser postas a par das que existem nas nações mais cultas da Europa.

Lisboa 30 de settembro de 1845.

José Tedeschi.

EMPREGO DO OLEO DE CROTON TIGLIUM CONTRA A COLICA DOS PINTORES (COLICA SATURNINA.)

205 Mr. Danier, medico no hospital de Tolosa, acaba de publicar, no jornal medico d'aquella cidade, os resultados colhidos de suas observações no que diz respeito ao emprego d'este oleo. — Em mais de 20 casos de colica, viu dessapparecer promptamente todos os seus symptomas com a prescripção do oleo, da maneira seguinte:

Oleo de croton-Tiglium, duas gottas em uma colhér de xarope gommado, pela manhan, e uma gotta de tarde; dous a tres dias de uso d'ésta medicação basta para total desapparição do mal.

(Trad. do J. de Pharmacie et de chimie, de julho de 1845 — Communicado. —)

VERBENA.

(*Remedio contra as sesões e obstrucções*).

206 Vendo eu que na Revista n.° 9, no artigo 115, se fez conhecer a *herva turca*, que cura hydropisias, como a experiencia tem mostrado, e que tem sido muito e muito procurada por toda a parte; e inferindo d'ahi haver muitos doentes que padecem de tão perigosa molestia, e sabendo que uma grande parte das hydropisias é filha de obstrucções, e effeito das grandes febres de sesões abandonadas; julgo de grande utilidade patentear um remedio facil, com que se curam as obstrucções por virtude de uma planta, que cresce espontaneamente em Portugal, nos terrenos fortes, e até inculta, qual é a verbena, mui conhecida do povo portuguez pelos nomes de Urgebão, Vergebão, Orjavão, Orgevão e Argebento, em grande parte da Beira.

Esta planta é annual; cresce de ordinario até dous pés de altura; lança umas asteas angulosas, felpudas, ramosas, e algumas vezes tirantes a vermelho; as suas folhas são estreitas, compridinhas, rugosas, e muito recortadas; as suas flores, que sahem de umas espigas delgadas e compridas, são ora azues, ora brancas; e a sua raiz tem algumas fibras, e é um tanto amargosa.

Foi esta planta conhecida na mais remota antiguidade. Os gregos lhe chamavam Hierobotane, que val o mesmo que herva sancta, herva milagrosa; e até d'ella usavam para muitas das suas superstições. Os romanos, segundo Marianno Jurisconsulto, coroavam com ella os seus embaixadores, para em as nações extranhas não serem offendidos, e concluirem melhor seus negocios; e segundo Didoscorides, que lhe chamava Peristerion, os antigos se untavam todos com ella para sararem suas infermidades.

Por isso ella se cultivava em o proprio capitolio, que os romanos tinham por sagrado, e se achava alli n'um altar privativo, de que Terencio recommendava o uso = « Ex ara hinc sume verbenas tibi » Fallam d'ella Cicero e Plinio; e diz Tito Livio, que os *Patres Patrati* e sacerdotes romanos, se coroavam sempre de verbena, quando denunciavam paz ou guerra, para o bom successo de uma e outra. Já lá vão os gregos e os romanos; seccaram-se os laureis do Eurotas; abateu-se o proprio capitolio com as superstições de ambos; mas a sua planta mimosa, e tão acreditada, despresando as irrupções dos barbaros, o furor dos conquistadores, e até a queda das lettras, e suffocação dos conhecimentos humanos, tem vencido os tempos, e conservado a sua reputação de modo, que ainda hoje as Ferrarezas, como diz Gaspar Barreiros na sua Corographia pag. 15 v. em dia de San' João Raptista e da Assumpção de Nossa-Senhora, se coroam d'ella, crendo que por todo aquelle anno

não terão mais dores de costas, nem de cabeça. — Curvo, nas Observações medic. pag. 58 diz, que a Verbena trazida ao pescoço, e renovada cada oito dias, cura as alporcas, por uma virtude occulta. O A. da Recopilaçãp de Cirurgia pag. 287 diz, que ella solda as feridas; e graves AA. lhe descobrem as virtudes de — incesiva, attenuante, cephalica, vulneraria, resolutiva, e aperitiva; que augmenta o leite nas amas de criar; attenua a pedra dos rins, e da bexiga; tira a dor dos pleurizes, pondo-lha pisada em cima; e que a sua raiz, detendo-se na bocca, abranda as dores de dentes, e conforta as gengivas, e dentes soltos — Grislei, Desenganos, pag. 132 v.

Estando eu em o logar do Telhado, proximo da Villa do Fundão na Beira, desde 1834 até 1840, tractei alli com José Antonio Sobral de Figueiredo, da dicta villa, e honrado velho, o qual me disse que já desamparado dos medicos, se tinha curado de uma obstrucção teimosa, e o mais mortificadora possivel, com uma receita occulta, que lhe franquearam já quando a obstrucção lhe tomava quasi todo o ventre; e que depois gratuitamente a tinha ensinado a muitos doentes da mesma molestia, e que se curaram todos tambem. Examinei estes factos, e achei-os certos; pelo que lhe pedi a receita que tenho ensinado a muitos doentes, que igulmente se tem curado, e é a seguinte.... «Depois de bem fritas em dois terços de um quartilho de azeite doce bom, 9 ou 10 enxundias de galinha, e tiradas as pelles; frege-se no azeite que fica, um bom punhado de raminhos tenros e folhas de Verbena, até que apertados os pausinhos d'elles entre os dedos police e indice da mão direita, estalem de modo que se ouça: tiram-se estes então, e se lança dentro do azeite um pedacinho de cêra, para dar-lhe consistencia de lenimento: com o que fica prompto o remedio....

Faz-se uso d'este remedio, esfregando tres ou quatro vezes com a palma da mão untada n'elle, até se enxugar, porém de modo que não offenda a parte obstruida. Cobre-se então com um papel pardo quente; sobre este se põe um panno de linho perfumado em alfazema, e sobre este um panno de lan, que abrigue a parte inferma; e assim se deve conservar por quinze dias. Em outros tantos e successivos, se devem praticar pela manhan e á noite as dictas esfregações com as mesmas cautellas, e no fim não haverão restos da molestia.

Assim o vi praticar na Beira, e tem acontecido a todos os doentes, aque por charidade o tenho ensinado depois de sahir d'alli; sendo o ultimo o encarregado da Casa-da-Guarda em Villa-Nova-da-Rainha; e o está usando tambem um filho do mesmo, que padecia obstrucções terriveis, e a quem o ensinei.

Taes são as virtudes da utilissima verbena. A razão dos effeitos d'ella podem conhecel-a os facultativos. Gose a humanidade os seus beneficios; e para que não ignore os meios, queira V. dar-lhe no seu acreditadissimo jornal, a publicidade que lhe parecer conveniente.

Torres-Vedras 4 de outubro de 1845.

J. P. de Lima.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XVI.

Saibamos da vida do frade. — Era franciscano porquê? — Dos antigos e dos novos martyres. — Alguns particulares de Fr. Diniz antes e depois de ser frade. — Emigração. — Explicação incompleta. — De como a velha tinha perdido a vista e Joanninha o riso. — Sexta feira dia aziago.

207 Saibamos alguma coisa da vida do frade, da sua vida no seculo, porque a do claustro era nua e nulla, monotona e singela como a temos visto.

Chamava-se elle no seculo Diniz de Atahide, e seguíra a carreira das armas primeiro, depois a das lettras. Com distincção, e quasi com paixão, tomára parte na campanha da Peninsula, e a fizera quasi toda; mas desgostoso do serviço ou despreoccupado da glória militar, entrou na magistratura para que estava habilitado, e em 1825, do logar de corregedor do Ribatejo, em que já fôra recondusido, devia passar á casa do Porto.

Foi a Lisboa receber o seu despacho, beijou a mão a elrei, e d'ahi tomou um dia o caminho de Santarem, chegou áquella villa, deixou criados e cavallos na estalagem, e foi tocar á campa da portaria de San'Francisco.

Os criados esperaram em vão muitos dias: elle não voltou.

Desappareceu do mundo Diniz de Atahide, e d'alli a dous annos appareceu Fr. Diniz da Cruz, o frade mais austero e o prégador mais eloquente d'aquella ordem. Raro prégava, e so de doutrina; mas era uma torrente de vehemencia, uma uncção, uma força!..

Dos institutos monasticos, ja então bem decahidos todos de esplendor e reputação, a ordem de San'Francisco era talvez a que mais descêra no conceito público. Quanto mais austera é a regra, tanto mais se nota qualquer relaxação nos que a professam: a dos franciscanos tinha-se feito proverbial e popular. Elles eram tantos por toda a parte e tam conversantes com todas as classes; familiarisára-se por tal modo o povo com o aspecto d'aquellas mortalhas negras — aspecto ja não severo, e apenas deixou de o ser — ridiculo... e ellas appareciam em taes logares, a taes horas, por tal modo... que todo o respeito, toda a estima, toda a consideração se lhe perdera. Escriptores, ja os não tinham, prégadores poucos e sem reputação: era a religião mais humilhada na geral decadencia das ordens.

Fr. Diniz procurou-a por isso mesmo. Queria ser frade, o frade despresado e apupado do seculo desenove.

Em certos animos é preciso muito mais valor e enthusiasmo para procurar este martyrio, do que fôra nos antigos tempos para ir ao incontro das nobres perseguições do sangue e do fogo.

Luctava-se com honra então, cahia-se com gloria, vencia-se muitas vezes morrendo...

Agora é soffrer só.

O mundo applaudia aquelles grandes sacrificios, e assistia com interêsse, com admiração, com espanto áquelles combates gigantescos. E o tyranno tremia diante da sua victima... quando lhe não cahia aos pés vencido, convertido e penitente...

Hoje o povo passa e ri, os reis cuidam de outra coisa, e a mesma Egreja não sabe que tem martyres.

'Pois tem-n'os' dizia Fr. Diniz 'e precisa mais d'elles para se regenerar, do que ja precisou para fundar-se.'

Eis aqui porque Diniz d'Atahide não quiz ser bento, nem jeronymo, nem cartucho, e se foi metter frade franciscano.

De todos os seus bens, que eram consideraveis, tirou apenas a modica somma de dinheiro que era necessaria para pagar o dote e piso de sua entrada no convento. Do resto fez doação inteira a D. Francisca Joanna — a velha hoje cega e decrepita, que no principio d'esta historia incontrâmos dobando á sua porta na casa do valle.

A velha não tinha mais familia, que um neto e uma neta.

A neta era Joanninha, filha unica de seu unico filho varão, e ja orphan de pae e de mãe.

O neto, orpham tambem, nascêra posthumo, e custára a vida a sua mãe, filha querida e predilecta da velha.

Antes da splendida doação de Fr. Diniz, a familia, que era de boa e honrada descendencia, podia dizer-se pobre, depois viviam remediadamente. Mas a velha não quiz nunca sahir do modesto estado em que atélli vivêra. Tinham fartura de pão, azeite e vinho de suas lavras; corria-lhe com ellas um criado velho de confiança; trajavam e tractavam-se como gente mean, mas independente.

Em tempos mais antigos e em vida dos dous filhos de D. Francisca, Fr. Diniz, então Diniz d'Atahide e corregedor da commarca, frequentára bastante aquella casa. Desde a morte do filho e do genro, que ambos pereceram desastradamente n'um dia crusando o Tejo n'um saveiro em occasião de grande cheia, elle nunca mais la tornára.

Até que se metteu frade, e que passaram annos e que o fiseram guardião do seu convento.

Ja a nora e a filha da velha tinham morrido tambem.

E foi notavel que na mesma hora em que Fr. Diniz professava em San' Francisco de Santarem, vestia D. Francisca aquella tunica roxa que nunca mais largou.

Mas um dia, chegou Fr. Diniz á porta da casa do valle e disse:

— 'Deus seja n'esta casa!'

A velha estremeceu, mas tornou logo a si, fez sahir as crianças que brincavam ao pé d'ella, fechou-se com o frade, e fallaram baixo um dia inteiro. Rezaram e choraram, que tudo se ouviu; mas o que disseram e conversaram nunca se soube.

O frade foi-se ao anoitecer, a velha ficou rezando e chorando, e rezou e chorou toda a noite.

Isto fôra n'uma sexta feira; d'ahi por diante em todas as sexta-feiras de cada semana, Fr. Diniz vinha passar algumas horas com a velha.

Não era seu confessor, mas dirigia-a como se o fosse, em tudo e por tudo, menos no que respeitava a Joanninha.

Havia no frade uma affectação visivel, um systema premeditado e inalteravel de se abster completamente de tudo o que podesse intervir, por mais remotamente que fosse, com aquella interessante criança.

Joanninha não lhe tinha medo, mas o respeito que lhe elle inspirava era misturado de uma aversão instinctiva, que, por contradicção inaudita e inexplicavel, a deixava sympathizar com tudo quanto elle dizia e professava: doutrinas, opiniões, sentimentos, tudo lhe agradava no frade, menos a pessoa.

Não assim Carlos, o primo, o companheiro, o unico amigo da nossa Joanninha, o outro neto da velha por sua filha. Andava elle já no último anno de Coimbra e ia formar-se em leis, quando Fr. Diniz da Cruz começou de novo a frequentar a casa que Diniz de Atahide tinha abandonado.

Sôbre esse a inspecção do frade era minuciosa, vigilante, inquieta. Os livros que elle lia, os amigos com quem vivia, as ideas que abraçava, as inclinações para que pendia — de tudo se occupava Fr. Diniz, tudo lhe dava cuidado. A elle directamente pouco lhe dizia, mas com a avó tinha longas conferencias a esse respeito.

Ultimamente parecia satisfazer-se com o geito que o mancebo indicava tomar.

—'É temente a Deus, não tem o ânimo cubiçoso nem servil, não é hypocrita, a mania do liberalismo não o mordeu ainda... hade ser um homem de prestimo:' dizia o frade a D. Joanna com verdadeira satisfacção e interêsse.

Passára porêm de seu meio o memoraval anno de 1830, e Carlos que se formára no principio d'aquelle verão, tinha ficado por Coimbra e por Lisboa, e so por fins d'agosto voltára para a sua familia. E veio triste, melancholico, pensativo, inteiramente outro do que sempre fôra, porque era de genio alegre e naturalmente amigo de folgar, o mancebo.

O dia em que elle chegou era uma sexta-feira, dia de Fr. Diniz vir ao valle.

Passaram as primeiras saudações, e abraços, ficaram sos os dous; e:

—'Não gósto de te ver:' disse o frade.

—'Pois quê? que tenho eu?'

—'Tens que vens outro do que foste, Carlos.'

—'Outro venho, é verdade; mas não se infadem de me ver, que o infado hade durar pouco.'

—'Que queres tu dizer?'

—'Que estou resolvido a emigrar.'

—'A emigrar, tu!... Porquê, paraquê? Que loucura é essa?'

—'Nunca estive tanto em meu juizo.'

—'Carlos, Carlos! nem mais uma palavra a similhante respeito. Em que más companhias andaste tu, que maus livros lêste, tu que eras um rapaz... Carlos, prohibo-te de pensar n'esses desvarios.'

—'Prohibe-me... a mim... de pensar!... ora, senhor...'

—'Prohibo de pensar, sim. Lê no teu Horacio se estás cançado das pandectas. Vai para a eira com o teu Virgilio... ou passeia, caça, monta a cavallo, faze o que quizeres, mas não penses. Ca estou eu para pensar por ti.'

—'Porquê? eu heide ser sempre criança? a minha vida hade ser ésta? Horacio! tenho bom ânimo para ler Horacio agora... e a bella occupação para um homem de vinte e um annos, scandar jambos e trocheus.'

—'Pois le na tua biblia, que é poesia medida n'alma e que repasce o espirito e o coração.'

—'Eu não quero ser frade: sabe?'

—'Nem te eu quero para frade.'

—Graças a Deus! cuidei que... Mas em fim no seculo em que estamos...'

—'O seculo em que estamos é o da presumpção e o da immoralidade: e eu quero-te livrar de uma e de outra, Carlos. Tua avó sabe as minhas tenções a teu respeito, approva-as...'

—'Minha avó... approva muita coisa que eu reprovo.'

—'Como assim, Carlos! que queres tu dizer?'

—Isto mesmo, senhor; — e que ámanhan que vou para Lisboa, imbarcar para Inglaterra.'

—'Carlos!'

—É uma resolução meditada e inalteravel. Não quero nada com ésta terra nem com ésta...'

—'Com ésta o quê, Carlos?...'

—'Pois quer ouvil-o, digo-lh'o: com ésta casa.'

O frade suffocava, e balbuciou entre cholerico e aterrado:

—'Dir-me-has porquê?...'

—'Porque me abhorrece e me humilha este mando de um extranho aqui... porque sempre desconfiei, porque sei emfim...'

—'Sabes o quê?'

—'Sei, padre Fr. Diniz, mas não me pergunte o que eu sei.'

Amarello, roxo, pallido, negro, o frade tremia; sumiram-se-lhe mais os olhos e faiscavam la de dentro como duas brazas; fez um esfôrço sôbre si mesmo para fallar, e disse com uma voz cava e cavernosa como de sepulchro:

—'Pois pergunto, sim; e permitta Deus!...'

—'Padre, não jure nem pragueje' interrompeu Carlos com firmeza e serenidade 'as suas intensões serão boas talvez... creio que são boas: filhas de um remorso salutar...'

—'Que dizes tu, Carlos... que disseste?... Oh meu Deus!'

As scenas tinham mudado: Fr. Diniz parecia o pupilo, a sua voz tinha o som da súpplica, ja não tremia de íra mas de anciedade; Carlos fallava no tom austero e grave de um homem que está forte na sua razão e que é generoso com a sua offensa. As palavras do mancebo eram agras, via-se que elle o sentia e que procurava adoçal-as na inflexão.

—'O que eu digo, padre Fr. Diniz, o que eu sou obrigado a dizer-lhe é isto. Minha avó consentiu, por fraqueza de mulher, no que eu não posso nem devo consentir. O que ha n'ésta casa não é... não é meu; o pão que aqui se come... é comprado por um preço... Padre! ja ve que não podêmos fallar mais n'este assumpto. Eu

parto ámanhan para Lisboa.—Minha avó!' accrescentou Carlos, mudando de voz e chamando para dentro 'minha avó!'

A velha acudiu, elle disse-lhe a sua tenção, motivou-a em opiniões politicas, declamou contra D. Miguel, mostrou-se enthusiasta da causa liberal, e protestou que n'aquelle anno de tal modo se tinha pronunciado em Coimbra e ainda em Lisboa, que so uma prompta fuga o podia salvar...'

A velha chorou, pediu, rogou: tudo foi inutil.

Fr. Diniz assistiu a tudo isto sem dizer palavra.

E aquella tarde voltou mais cedo para o convento.

No outro dia de manhan muito cedo, abraçado com a avó que elle adorava, e com a priminha que se desfazia em lagrimas, Carlos dizia o último adeus áquella querida casa, áquelle amado valle em que fôra criado... N'essa noite estava em Lisboa, d'ahi a poucos dias em Inglaterra, e d'ahi a algumas semanas na ilha Terceira.

Na sexta feira depois da partida de Carlos, Fr. Diniz veio ao valle e teve larga conferencia com a avó.

Os tres dias seguintes a velha levou fechada no seu quarto a rezar e a chorar... no fim do terceiro dia estava cega.

Joanninha era uma criança a esse tempo, parecia não intender nada do que se passava. Mas quem a observasse com attenção veria que ella dobrou de carinho e de amor para com a avó, e que se não tornou a rir para o frade...

Elle, o frade, invelheceu de dez annos n'aquelle dia. Os olhos sumidos, que era a feição dominante n'aquelle rosto ascetico, sumiram-se mais e mais; a estatura alta e erecta curvou-se-lhe; o tremor nervoso, que o tomava por accessos, tornou-se-lhe habitual; os tendões enrijaram-lhe os musculos da cara, descarnaram-se, e a pelle ja sulcada de fundos cuidados, arrugou-se e franziu-se toda em rugas cruzadas e confusas como que se lha torrassem n'uma grelha.

Nunca mais houve um dia de alegria no valle. Mas a sexta-feira era o dia fatal e aziago. Fr. Diniz ja não vinha senão no fim da tarde e demorava-se pouco; mas tanto bastava. Suspirava-se por aquella hora e tremia-se d'ella. As noticias que consolavam, e os terrores que matavam, o frade é que os trazia. O resto da semana levava-se a chorar e a esperar.

E assim se tinham passado dous annos até á sexta feira em que primeiro vimos junctas á porta da casa aquellas tres criaturas; assim se passou até d'ahi a oito dias que a nossa historia volta a incontrá-los.

(Continúa).

A. G.

DO PARIATO. (*)

208 A camara dos pares principiou a sua vida na sua nova capacidade de legislativa, simplesmente por dar a Henrique VIII a prerogativa, que exerceu igualmente Isabel sua filha, de terem as suas proclamações tanta força de lei como os actos passados em parlamento. No reinado seguinte, não extincta a lava belligerente das duas rosas, dois dos principaes nobres tractam de se apoderar do reino na menoridade de Eduardo VI; corrompem a camara alta, e ésta auxilia um irmão — o lord Somerset, a justiçar o outro, que foi lord Seymour. O relicto d'ahi a poucos annos tambem soffreu a mesma pena, procurada a sua execução pelo lord Warwick—*o fazedor de reis*. Por este tempo sendo introduzida no parlamento uma lei de pena capital contra os crimes de alta traição, interpoz ahi a camara dos communs o seu recurso, para que ella não passasse com as clausulas iniquas de que se achava revestida, contrarias aos principios de justiça criminal. Subindo ao throno Isabel, pugnaram com energia pelo seu consorcio, que nunca se effectuou. A ésta diligencia, passa-se um longo termo em que não ha facto algum notavel que recordar por sua parte. No apontar da guerra civil de Carlos I, tendo elle prendido dois membros do parlamento, os communs reclamam a sua soltura. O exemplo é imitado pela casa dos lords, para um conde, que antes d'aquelles tinha sido mandado—auctoridade real, para a torre de Londres. N'este tempo diz Hume, cap. 51: que os communs tinham tres vezes a riqueza dos lords, e que estes apoiavam de todas as suas forças aquelles contra o throno. Vindo para o campo a questão de direitos e foros, que se não poude resolver na tribuna, o primeiro soldado da republica foi um lord, o conde de Essex. Mais tarde competindo á camara alta a solemne missão de grande podêr moderando, não apparecem mais de 7 pares no parlamento; o resto deixa ir á revelia a causa publica. D'ahi a pouco tornam-se de todo despreziveis, diz Hume, tory de principios e por isso não suspeito, dirigindo lord Grey a dispersão do parlamento commettida pelo coronel Pride. Restaurada a monarchia, pela qual ninguem suspirou mais do que o povo, por um soldado da republica, o general Monk; logo que os lords se acharam de novo instituidos no podêr, pediram o sangue de todos os implicados nos negocios do tempo de Cromwell. Compromettido James II com a nação, viraram-se contra elle. Foram os lords os maiores perseguidores que este rei teve para o expulsarem do reino. No reinado seguinte de Guilherme e Maria, quizeram assumir o direito antigo de se tributarem a si e não pelos communs; o que não tira que lord Rochester ignorasse d'onde lhe devessem vir taes pertensões, pois que attribuiu os privilegios da sua ordem á coroa. Em 1729 por contrariar o ministro, exigem que elle entregue Gibraltar á Hispanha. Queren-

(*) Continuado de pag. 174.

do os communs em 1742 proseguir na accusação de sir Robert Walpole taes embaraços lhe pozeram, que teve de se abandonar o seu processo.

Se a historia d'ésta classe depois da sua subjeição pela coroa servindo-se das forças populares, não é mais importante, a culpa não se póde imputar a ninguem. A nobreza anglo normanda antes da sua subrogação, tinha so ou de accordo com os communs nos reinados de Eduardo III, Ricardo II e Henrique IV, luctado acerrimamente, mas era pela manutenção da sua independencia, que ella conforme á sua conveniencia queria fazer passar por patriotismo. É ésta simulação que fez accreditar ao distincto historiador da constituição d'Inglaterra que a nação offerecia uma tendencia retrogada para a monarchia absoluta entre os reinados de Henrique VI e Henrique VIII. Se Hallam tivesse pausado um instante antes de escrever ésta sentença, e tivesse pensado retrospectivamente, logo veria que as dinastias normanda, plantagenest, e parte da de tudor, tinham tido por via de regra poucas forças, e os barões muitas, e por isso tinham resistido ao poder real, cuja resistencia se póde confundir com a liberdade. Vieram porém aquelles monarchas em que falla Hallam, e ja os barões estavam subjugados, não restava senão o povo para dar a batalha, o qual sendo fraco os reis o poderam calcar aos pés a ponto que a rainha Maria esteve para pôr como rei sôbre o throno inglez ao Filippe Hispanhol. Os pares, diga-se para pejo da fraqueza humana, haviam-se tornado em cortesãos desde o peior dos despotas que teve a Inglaterra, o iracundo Henrique VIII; e no tempo de James I chegaram a negar a representação aos communs; mas estes tendo apertado os cordões á bolsa pública, depressa tiveram por este desacordo uma satisfação do ministro d'Estado conde de Jasisbury. Em todo este reinado a camara dos pares guarda depois uma neutralidade de que nem povo nem rei fazem proveito que se note. Apenas por o privilegio de precedencia na etiqueta da côrte, 33 d'elles fazem uma representação ao throno contra os titulares da Escossia, que o rei sendo escossez é natural preferisse aos d'Inglaterra. Os incidentes que seguem ao ministerio de Walpole no reinado de George II, não tem mais de um seculo, e pertencem por assim dizer á historia em geral. Se os pares tem sido pugnaces em não ceder a nenhuma das reformas progressivas propostas pela camara dos communs, é porque n'essa cessão vão os seus interesses. Não quizeram v. g. que se reformasse a camara dos communs, porque n'isso perdiam a apresentação de 243 membros, sendo a totalidade 658. Não quizeram a emancipação catholica, porque tambem os que estavam vinham a dividir com os que haviam de entrar. Assim o mais notavel ha annos, em commemoração das suas augustas e antigas funcções, foi terem de assistir como juizes na causa de divorcio do seu rei George VI com a rainha sua esposa. Os actuaes attributos do Pariato são judiciaes, aconselhar e defender o seu rei, alem da sua concorrencia para a factura das leis.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

ADDITAMENTO AO 6.º VOL. DA OBRA COM O TITULO — Collecção de receitas e segredos particulares — por *João Baptista Lucio*. Lisboa, 1845.

ANNAES DA SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA-NACIONAL. INDUSTRIAL PORTUENSE.

209 Uma das mais evidentes provas — a maior talvez — que se póde com orgulho apresentar hoje, do desinvolvimente e importancia que a industria vai obtendo entre nós, é a publicação d'éstas obras especiaes. N'um paiz tão limitado como o nosso, onde a instrucção não está ainda medianamente introduzida — e menos a instrucção technologica — onde ha poucos annos quasi que so novellas se liam; maravilha ver o consummo que incontram éstas obras especielissimas! Este facto da-nos a mais lisongeira prova do gôsto de instrucção que vai calando em nosso povo, e faz nos conceber esperanças de um brilhante futuro para o nosso paiz, quando a geração, que ja começa, chegar a desinvolver o germen dos principios que se vão semeando agora.

Se ás obras periodicas que acima menciono ajunctarmos a REVISTA, que pela sua parte dos 'Conhecimentos-uteis' póde e présa ser comprehendida na categoria d'esses jornaes; se ainda ingrossarmos o número com o *Pharol Trasmontano*, que começa a apparecer com uma parte tambem consagrada ao mesmo fim technologico: vê-se com satisfação que cinco publicações periodicas se occupam hoje em Portugal do importante ramo da industria.

Felizmente este impulso cabe á REVISTA UNIVERSAL, depois dos *Annaes da Sociedade promotora* — honra ao seu preterito redactor! Eu creio ter sido o primeiro que publiquei em portuguez um artigo sôbre technologia, le-se no vol. II — junho 15, 1843 — d'este mesmo jornal: alli disse eu então quanto me parece sufficiente para escusar de repetir agora, por ésta occasião, o que está ja dito. Comtudo, fazendo menção do *Additamento á collecção de receitas*, não posso deixar de louvar o digno A. da illustrada perseverança com que ultimou, e segue ainda *additando*, uma obra de seis volumes sôbre um assumpto, sim importante mas porventura de pouco incentivo para ânimo menos possuido de amor e da grandeza do objecto. Nos números 39 e 40 do IV vol. d'este jornal se publicou integralmente o curioso elenco das receitas contidas n'ésta obra preciosa para a industria. O *Additamento* que nos occupa agora contém as receitas para fabricar o fogo d'artificio colorado, introduzido n'estes últimos tempos pelo Sr. Osti.

O último quaderno dos *Annaes*, 1.º do IV vol., contém o processo da *galvanoplastia*, que felizmente se póde dizer ja estabelecido e acreditado entre nós.

JORNAL DA SOCIEDADE CATHOLICA.

Com o n.º 42 acabar-se-ha a primeira serie do *Jornal da Sociedade Catholica*. Tracta-se de encetar uma nova....

O *Jornal da Sociedade Catholica* não tractará exclusivamente dos assumptos religiosos; qualquer artigo interessante sobre litteratura, artes, sciencias, ou historia será acolhido nas suas paginas.

As vezes se apresentarão..... Mas basta, basta de prospecto; basta d'essas lettras promissorias, que pelas frequentes falhas pouco ou nada valem.

Subscreve-se pois para a nova serie do *Jornal da Sociedade Catholica*, na secretaria da redacção, rua do Arco do Bandeira n.º 33, 4.º andar; ou na secretaria geral da Sociedade Catholica, rua dos Fanqueiros n.º 77, 1.º andar devendo-se pagar a importancia da assignatura sempre adiantada.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

Por 24 números.....	1$920
Por 12.....	1$000
Avulso.....	100

N. B. Toda a correspondencia para a redacção do *Jarnal da Sociedade Catholica* deverá vir franca de porte.

IDÉA DA EXISTENCIA E INSTITUTO DOS JESUITAS — por o reverendo padre *Ravignan*, da Companhia de Jesus.

Subscreve-se para ésta obra que brevemente sahirá á luz, na loja da viuva Henriques rua Augusta n.º 1, e na secretaria da Redacção do Jornal da Sociedade Catholica, Arco do Bandeira n.º 33 — 4.º andar. Preço 500 rs. Avulso 720 rs.

CARTAS ESCRIPTAS DA INDIA E DA CHINA.

O espectaculo insinuante de um imperio, cuja maravilhosa duração parece regeitar a influencia destruidora do tem

po, e cuja população é igual, senão maior, á da Europa, inteira; uma politica admiravel, porque ella tem sido criadora de instituições permanentes, que hão zombado até agora das vicissitudes humanas. e promovido os bens da sociabilidade no mais remoto angulo da terra, não podiam deixar de excitar vivamente a admiração dos primeiros europeus, que os milagres da navegação lusitana levaram a tão longiquos quanto desconhecidos climas. Penetrados da maior surpresa, e não contentes do que era ou pensavam real, elles voltam á Europa a publicar, de envolta com os verdadeiros quadros imaginarios, como se os primeiros não foram ja materia dilatadissima para as meditações do sabio, instrucção do politico, norma do artista, e, em uma palavra, lucubrações de todos os homens, que se dão ao prazer, e tambem algumas vezes ao tormento de pensar. Deslumbrados á vista de uma grandesa verdadeiramente colossal, que sem afan toda obedecia aos acenos de um unico homem, e illudidos igualmente por exaggeradas noções, unicas que taes povos costumam dar de suas faculdades nacionaes, em vez de offerecerem uma idea da historia da China, não fizeram senão o seu romance. Obstaculos, quasi insuperaveis, tem subsistido para a não havermos exacta (1) mas a ausencia dos elementos precisos não pode ser supprida pelos desvairados voos da imaginação, senão pelo auxilio de um raciocinio austero, de uma analyse severa. Então foram os *chins* estimados por um povo de sabios, e conseguintemente seu govêrno a obra prima da politica. Mas bem depressa outros escriptores vão bater nova e mais attrevida róta.

Indignados, por assim dizer, d'éstas lisongeiras ficções, e fascinados talvez pela sempre enganadora expressão de parciaes observações, creram achar em fracções infinitamente pequenas o typo das dimensões de uma quantidade incommensuravel, e de suas pennas desapparece a exaggeração, foge a probabilidade, ausenta-se a escassa primeira verdade obtida, e outro romance apparece; que abumbrado pelo desgraçado prurido de deprimir o que se antolhára excellente, não facilita esse interesse que ao primeiro outorgára a supposta, mas sempre seductora perfectibilidade da especie humana.

Desprezemos essas contrarias opiniões, que não se compadecem com a veracidade, e não menos a historia dos tempos fabulosos, e ainda a subsequente, por não merecerem sympathias os incertos vestigios de continuadas mutações, onde não se ve nada, que possa prender a attenção do observador, que anhela a instrucção misturada com deleite, que deseja contentar o coração illustrando ao mesmo tempo o espirito; enviamos todavia os amadores d'essas estereis abundancias á licção do — Chon-king, e outra obras similhantes, aonde se extasiaram com uma antiguidade que se remonta a 2953 annos antes de Jesus Christo, até encontrarem outra mais recente de 722 annos, em que *Confucio* começa e seu *Techun-tsium*, cuja choronologia menos systematica póde arrogar-se ares de authentica, aindaque não de todo expurgada de muitas difficuldades historicas. Não é nossa intenção taxar de inutil o conhecimento da historia da China, por quanto desafiará sempre a attenção do homem observador a pecularidade d'este povo, sua immensa população, a antiguidade da sua origem, a imutabilidade das suas leis, que não soffreram variação essencial debaixo de vinte ou mais dynastias, que se hão succedido. Digo que os elementos que houvemos não mereceram inteiro credito, e appellâmos para o testemunho d'aquelles que despidos do apparato dos systemas, fizeram algum estudo n'este fastidioso objecto. A historia universal dos ingleses tem recolhido algumas noções derivadas da licção das obras originaes, que a serem exactas pagarão de sobra as fadigas dos litteratos que vão aprender a mais difficultosa das linguas vivas. Alli se ve, que um povo innumeravel achou sempre em uma ricca cultura e no commercio interno a sua subsistencia; posto que a sua monarchia sempre foi absoluta, o direito de petição foi sempre o mesmo, direito efficiente para principes amaveis, nullo para os que so o são no amor dos povos. A mudança frequente de dynastias tem sido mais vezes o effeito de revoluções internas que de invasões externas, a obra de ministros ambiciosos, da perfidia dos *eunuchos;* que muitas d'estas dynastias foram sem opposição estabelecidas. e algumas vezes por pessoas extrahidas da mais baixa condição, taes como a quinta, por um que havia sido soldado, a outava por um çapateiro, a decima-quarta por um capitão de ladrões, e a vigessima primeira por um homem cujos principios foram de creado de um mosteiro. Alli se ve que cinco d'estas dynastias se aniquiláram em o espaço de 53 annos! e que durante tão curto periodo fôram coroados 13 imperadores, seis dos quaes acabáram de morte violenta, 2 proscriptos, e apenas 5 no throno! que a influencia dos *eunuchos* é sempre a precursora da queda d'estas dynastias; que alguns principes illuminados os proscrevem, que outros os toleram, e accolhem, renovando-se d'esta sorte esta especie de homens que não póde reproduzir-se. Que os imperantes hão tambem conhecido a feliz vantagem de estabelecer na opinião publica um thesouro para recompensas de relevantes serviços, immortalizando grandes virtudes por meio d'essas magnas distinções que fazem profunda impressão, esses monumentos, cujo aspecto so per si é uma licção para a posteridade: e alfim, que influencia exerceu em muitas revoluções uma multidão de *bonzos* espalhados por toda a supercificie do imperio, com benevolencia tractados por alguns imperadores, com rigor por outros; que estorvos deviam elles apresentar ao recebimento do christianismo os effeitos produzidos por esta religião, a conducta dos missionarios etc. Faltava-nos pois um livro que, em rapido; mas fiel esboço, tractasse d'estes assumptos; esta sensivel lacuna foi preenchida pelo Sr. José Ignacio d'Andrade, auctor das *Cartas da India e da China*, publicadas em 1843; obra ésta difficil de encontrar-se, pois que seu auctor so a distribuiu gratuitamente pelos seus amigos. — Agora porém vae ser reimpressa com permissão do seu auctor; os editores porão toda a diligencia para que a edição não desminta a nitidez e correcção da primeira, ornando-a de 12 retratos lythographados pelos mais habeis artistas nacionaes. Assigna-se para esta obra nas principaes lojas de livros de Lisboa, e constará de 2 volumes em 8.° francez, sendo a 1$000 cada volume broxado para os Srs. assignantes, e avulso 1$200 réis.

B. J. Senna Freitas.

(1) Consta-nos que o venerando e benemerito bispo de Pekim, actualmente em Lisboa, instigado pelo Exm.° conselheiro A. J. M. Campelo tem escripto coisas muito curiosas sobre o mperio da China.

O Jardim das Damas.

. . . . . .

Constará este Semanario, de 16 paginas d'impressão, no formato de 4.° francez, em typos modernos, papel de superior qualidade e os titulos em characteres dourados: contendo artigos de Litteratura, Romances, Poesia (Romances, Xacaras, Lyras, Odes etc.) Noticia dos Theatros, Assembleas, Bailes, e mais variedades, acompanhando isto alternadamente, no 1.° n.° um Figurino de Modas, e sua competente descripção: no 2.° lindos Debuxos e sua explicação: no 3.° outro Figurino de modas: e no 4.° bonitas Walsas e Contradanças, ou os melhores fragmentos das operas para piano forte.

Merecendo empresa tão interessante ser animada pelo publico illustrado, que tanto apprecia a litteratura portugueza, são por esta forma convidadas as pessoas que quizerem subscrever, a enviar a sua assignatura com a seguinte direcção — aos redactores do Jardim das Damas calçada d'Ajuda n.° 107.

Toda a mais correspondencia dos Srs. assignantes, deverá ser dirigida, franca de porte — ao secretario da redacção do Jardim das Damas, escriptorio do referido jornal, travessa d'Agua de Flor n.° 3 — 1.° andar — Lisboa. —

Publicar-se-ha todos os sabbados, principiando o semestre da nova redacção no 1.° de setembro do corrente anno.

Preços, 6 mezes ou 26 numeros 2$080 rs. 3 mezes ou 12 ditos 960 rs. Pago adiantado na entrega do 1.° n.°

No acto da entrega de cada n.° obrigando-se por 6 mezes 80 rs. Excepto nas provincias. Avulso 120.

Vende-se e assigna-se nas lojas de Mrs. Plantier, rua do Ouro n.° 62 e 63, Langlet, rua Nova do Almada n.° 77 e 78, Srs. Silva, Praça de D. Pedro, n.° 82, Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1, e no escriptorio da redacção.

Os redactores — *José Bento Travasso Valdez — Francisco Travasso Valdez — Joaquim Vieira Botelho da Costa — Francisco da Costa Nascimento.*

VIAGENS.

UMA ARRIBADA Á ILHA DA MADEIRA. (*)

210 Desembarcámos no porto sem visita da alfandega, e sem exhibirmos passaporte nem carta de saude. Não achámos á nossa espéra nemcuriosos, nem mariolas abelhudos, nem importunos desfazendo-se em offerecimentos interesseiros; a fleugma do portuguez e o orgulho n'elle innato, não descerá jamais, no meu intender, ao servilismo loquace do italiano. Não incontrámos um so guia em toda a cidade, e como alli não ha nem taboletas, nem mercadorias expostas ao público nas lojas, e de mais as ruas estavam desertas por ser hora de dormir a sesta, e como finalmente nenhum de nós fallava portuguez, vagueámos por muito tempo, e sosinhos, como nos palacios de que rezam os contos de fadas. Ao declinar do dia a cidade se despertou algum tanto; achámos uma estalagem soffrivel, metade á hispanhola, metade á italiana, participando das de Italia em quanto á vastidão, das de Hispanha quanto á desnudez. Ao cabo de duas horas alcançámos um jantar assaz *confortable*; não posso empregar aqui palavra mais propria, por quanto nós nos achavamos então em *plena Inglaterra*; mesas, cadeiras, loiça, toalhas, guardanapos, crystaes, tudo tinha marca iugleza, em molde ou em relevo. Garfos de aço, facas mudadas a miudo, tampas de estanho para *proteger* uma batata, rosbif, perna de carneiro, e puding, toalha levantada ao pôr a sobremesa, nada faltava á *englis importation*: so a bebida não era britannica: enchiam-se e despejavam-se rapidamente copos de bocca mui larga similhantes ás taças antigas. Nunca esmeraldas mais brilhantes foram engastadas em crystal; nunca vinho mais atraiçoado em sua singeleza passou por beiços humanos: todo o extrangeiro deve desconfiar d'este sol potavel que pregará peça á sua inexperiencia.

Chegada a noite, foi preciso procurar leitos; então começou o nosso embaraço. Leitos! isto é uma raridade no Funchal; toda a raça Iberica dorme ao relento, ou sobre tapetes. Nos quartos a que se dava o nome de alcova, não havia siquer uma cadeira. Estando assim despejadas mais facil se tornou a lavagem das denominadas alcovas; entraram logo a esfregal-as com agua de sabão, o que causou um passeio geral, incerto e variado em todas as direcções, de toda a casta de insectos, inquietados na sua posse. Depois trouxeram-n'os xergões de palha de milho, e a pedido nosso, pregos para pendurarmos o nosso fato na parede. Assim nos deitámos n'ésta simplicidade digna dos tempos primitivos; entretanto o luar que entrava pelas janellas nos fazia ver no tecto milhares de aranhas, que se seccavam aos raios da lua, e ao passo que teciam conversavam umas com outras, provavelmente indagando a origem de tamanho cataclysmo.

Tinhamos dado ordem para nos terem promptos alguns cavallos na manhan do dia seguinte: ao alvorecer fomos acordados por um grande ruido, ou para melhor dizer, por uma reunião de ruidos confusos: vozes de jumentos e de machos, e vozes ainda mais rouquenhas de homens e de crianças. Ao abrirmos os olhos, vimos debaixo das janellas um verdadeiro regimento de cavallaria, uma especie de exercito irregular composto de mais de cem quadrupedes, segurados pela arriata por outros tantos animaes bipedes.

(*) Continuado de pag. 175.

Tudo isto tinha uma cor local que incantava; nunca collecção mais pittoresca de sendeiros albardados de farrapos obedeceu a ordens e caprichos de mais andrajosos donos: um troço de cossacos, depois de quinhentas leguas de retirada em derrota, seria em comparação d'ella, aceiado e garrido. Toda ésta magna caterva se apinboava, se apertava, se pizava com uma algazarra verdadeiramente napolitana: os almocreves, com campanudos barretes nas cabelludas cabeças, pretendendo terem sido ajustados na vespora, sustentavam o seu posto o mais perto da porta, e afastavam d'ella os outros com a consciencia do seu direito, e o orgulho da sua posição official: a distincção das classes mettia-se pelos olhos dentro. Quando se veio a descobrir com evidencia, que havia mais cavalgadura que cavalleiros, o desgosto tornou-se geral e o preço dos cavallos diminuiu consideravelmente. Os mais apressados da nossa companha deram um cruzado novo pelo passeio; os últimos com a quarta parte d'esta quantia, deixaram contentissimos os alugadores; o que me fez acreditar que talvez não falte aos portuguezes senão um pouco de uso, para tirarem bom partido dos extrangeiros.

. . . . . .

Tendo afinal montado os nossos bem ajaezados rossins, partimos com a rapidez de um redemoinho attrahindo ás janellas bom número de grandes olhos pretos meio despertos. Entretantos achámo-n'os dois viajadores do mesmo voto, isto é, fazendo mais gôsto de estar em caminho do que de chegar. Uma vez sahidos da cidade, retardámos de commum accordo o passo de nossas cavalgaduras; e esquecendo o fito do nosso passieo, que era o ver a quatro legoas de distancia, um sitio pittoresco, chamado o *Curral*, pozêmo-n'os a vaguear no meio das campinas.

Para visitar os jardins que nos cercavam de toda a parte, e para os quaes lançavamos olhos cubiçosos, não havia outra difficuldade senão a de correr o ferrolho da porta e entrar; escolhemos a cêrca que nos pareceu mais bonita, e prendendo sem ceremonia os cavallos ao muro exterior, entrámos como se fôra em nossa casa. Uma longa latada de cannas, coberta de madre-silva vermelha, de jamins e de gyrasoes, servia de avenida; depois um pequeno laranjal plantado sem regularidade, um tanque de agua crystallina; no meio, á direita e á esquerda, terrassos ricamente ataviados de plantas trepadeiras; alleas de plantio de carpinos, sombrios e aljofrados de orvalho, um taboleiro com desenhos de seixinhos de varias côres; nos longes as mais lindas arvores do mundo, altas, ramosas, copadas, luxuriantes, deslembradas do inverno; o mar em frente, e nem um so pé de videira, o que é de bom gosto na Madeira! Um negro, vestido decentemente porém descalço, o que em todos os paizes é indicio de escravidão, endereçou-se a nós com civilidade: démos a intender que desejavamos visitar o jardim: elle correu a avisar o seu senhor, que bem depressa se apresentou com um roupão entertecido de largos ramos, com barrete de dormir, atado com fitas, calças de fustão branco, emfim trajado como o *communeiro fidalgo*: elle arranhava o inglez, e escaimbaram-se entre nós cumprimentos sem conto; foi forçoso entrarmos, e fallar á senhora; a qual creio se ergueu da cama de proposito por causa de nós, porque tinha um olho aberto e outro fechado; com um

lado da bocca bocejava em quanto com o outro sorria com agrado. O seu vestir era igualmente muito ao desdem, e seu marido bem no-la podia deixar ver mesmo em trajos matinaes sem perigo de offender severos melindres, nem de se chegarem a suscitar n'elle zelos pungentes. Tivemos a indiscripção de perguntar á dona da casa se não nos sería permittido fazermos os nossos cumprimentos á menina, porque tinhamos ouvido o som de um piano: foi-nos respondido, que tinham o maior sentimento, mas que ella não podia absolutamente ter a honra de receber a nossa visita; e provavelmente afim de suavisar o amargor desta recusa, mandaram vir tres ou quatro frascos de vinho, de que foi necessario acceitar algumas gotas, apezar de não serem horas proprias, e não obstante a lembrança do perigo da vespora....

Fomos ver outros muitos jardins, porem sem consentir em passar além do liminar da casa, com medo do malvazia. Por toda a parte a nossa visita foi, ou pareceu ser considerada como um favor: o dono mostrava-nos, sempre elle mesmo em pessoa, todo o jardim e quinta, e nos acompanhava depois até á estrada com um sem numero de cumprimentos. Animados pelo bom resultado da nossa curiosidade, tivemos a ousadia de abrir uns cancellos de ferro de uma fazenda que nos attrahiu ainda mais que todas as outras; o grande aceio das alleas começou a causar-me algum receio; a poucos passos vi groselheiros, e ruibarbo. Então, dissipada toda a duvida, conheci estar em quinta de Inglez. Começou a sentir-se cheiro de carvão; cabellos louros appareceram á janella, e um criado de polainas, veio dzier-nos com o chapeu na mão, que aquella era *a private proprety*.....

.....

Afinal foi-nos forçoso mudar para carreira o nosso vaguear: os cavallos que eram melhores do que a apparencia promettia, levaram-nos bem depressa para longe de toda a habitação, sôbre ladeiras as mais fragosas e as montanhas mais safias que é possivel vêr, e, o que é mais, atravessar veredas muito estreitas, mas arranjadas com arte, subiam, desciam, obliquavam, estendiam-se como outras tantas serpentes amarellas.

Em toda a parte, sôbre nossas cabeças, debaixo dos pés, rochedos espedaçados, fendidos, grossos pedaços de basalto quasi a pique sôbre nós, embaixo medonhos despenhadeiros, e no fundo dos quaes alvejava a escuma das torrentes. Umas vezes a montanha descobria de todo seus ossos gigantescos; outras vezes os revestia com um viçoso manto de verdura. Castanheiros grandes como os do Etna, nogueiras ramosas como as de Interlakeu, mergulhavam seus largos pés nas fendas dos penhascos: a figueira, o medronheiro, o myrto, o loureiro, a romeira, disputavam entre si porfiosos o minino logar, tão delicioso é o viver n'esta ilha afortunada; e bem ao longe, no azul do ceu, pendiam cimos de seis mil pés de altura cobertos de espinheiros mansos, de teixos, de urzes, e erguiam seus negros cabeços carregados de tanto lucto como os Alpes da Noruega. Nas fraldas d'estes montes, onde o inverno ostentava os seus rigores, brincava deleitosamente o mais risonho estio, a videira que alcatifa todos os sitios baixos da ilha, pouca cousa exige do homem a troco do muito que lhe liberaliza; cresce quasi sem amanho, como essas sementes generosas que quasi por si mesmas se desinvolvem, collocadas em ubertoso terreno, basta simplesmente deixa-las entregues a si, e extirpar as plantas parasitas; as vides se estendem sôbre a terra, como as do Libano, e cobrem o sólo como uma redezinha baixa e de malhas estreitas; a uva é pequena, os bagos pouco apinhoados, côr de ambar ou de granada: é a principal producção da ilha. N'aquella occasião a vendima estava acabada, as veredas viam-se cobertas de camponezes que levavam sôbre as costas núas odres de vinho que transportavam para o Funchal....

Toda ésta população era trigueira, magra, coberta de farrapos; porém de boa estatura, direita e altiva. A pobreza dando-se ao trabalho nunca é ascorosa; e demais não tem nas regiões do meio dia aquella apparencia servil e vergonhosa de que se reveste nos nossos climas: alli o homem depende menos do homem, e os favores do ceu servem de compensação ás desigualdades das condições. Todas as habitações eram insignificantes casebres: um muro de toscas pedras meio coberto com um telhado de palha, e nada mais; mas n'ellas so se entra quando chove... e chove tão raras vezes, e a chuva é tão pouco fria! Parece que n'um paiz tal, de ninguem se póde ter dó, e que a miseria é n'elle mais feliz, que nas outras partes a riqueza?

(Continúa.) *(V. de la Boulaye.)*

ASSOCIAÇÕES-LITTERARIAS.

CONSERVATORIO-REAL DE LISBOA.

211 Hontem (6) reuniu o Conservatorio em sessão publica, pelas 7 horas da noite. Deu-se conta de um decreto de S. M., de 25 do passado, pelo qual se revogam os artigos 14 e 16 dos Estatutos do mesmo Conservatorio, de 25 de maio de 1841, na parte que respeita á eleição do seu presidente, e á do Inspector-geral dos theatros.

Tractou-se depois do concurso que deve abrir-se ás peças originaes, para quando se verificar a inauguração do Theatro de D. Maria II, e foi decidido que o conselho apresentasse, na primeira sessão, um projecto d'edital abrindo esse concurso, e bem assim as bases para o methodo do julgamento das peças que concorrerem, e quaes quer outras propostas que julgue condignas e necessarias n'este assumpto; afim de ser tudo immediatamente discutido, e fazer-se subir ao govêrno de S. M. em *fórma de consulta* (visto não ter o Conservatorio por em quanto a menor faculdade sôbre o Theatro de D. Maria II, nem haver recibido ainda insinuação alguma a este respeito).

Tractaram-se depois differentes objectos economicos; e assentou-se que no dia 13 do corrente houvesse sessão para apresentação dos trabalhos do conselho. Eram quasi 11 horas fechou-se a sessão.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS.

SESSÃO DE ABERTURA DO ANNO JUDICIAL DE OUTUBRO DE 1845 A AGOSTO DE 1846.

212 Sabbado (4) verificou a illustre associação dos Advogados a primeira sessão do oitavo anno da sua existencia.

Presidiu o Sr. Dr. Silveira da Motta, que encetou a sessão com um excellente discurso sôbre a profissão do advogado.

O 1.° Secretario, o Sr. Dr. Silva Abranches leu

um relatorio, optimamente elaborado, do anno judicial findo, comprehendendo um quadro dos trabalhos da associação e consultas, e outro dos progressos da jurisprudencia nos tribunaes civis e commerciaes; referiu a legislação do anno, especialmente a de maior influencia no fôro; e deu uma conta crítica das publicações juridicas mais importantes. O 2.º Secretario, o Sr. Dr. Duarte leu o relatorio das alterações do quadro dos socios effectivos, honorarios e correspondentes; do número das conferencias que houve, e fez honrosa menção dos socios que mais se distinguiram pela sua assiduidade nos trabalhos das sessões.

O orador foi o Sr. Dr. Verdades, cujo discurso versou sôbre a necessidade de um codigo penal.

A sessão concluiu com a distribuição dos diplomas pelos novos socios.

Amanhan (8) deve ter logar a segunda sessão solemne, para leitura das orações funebres dos socios falecidos. Os oradores inscriptos são todos digno de ornamento do fôro portuguez.

CORREIO NACIONAL.

213 Nos dias 29 e 30 de settempro teve logar em Coimbra o concurso á cadeira de logica e geometria para o lycêo de Leiria. Concorreu unicamente o Sr. José Joaquim da Silva Pereira, natural das Caldas de Vizella, sendo arguentes, os Srs. doutores Achilles, Carneiro, Rufino e Raymundo, e presidente o Sr. Cardoso. O Sr. Pereira satisfez ao exame com aquella pericia e saber que tantas veses tem manifestado nos seus cursos das faculdades de philosophia, mathematica e medicina, onde tem mostrado uma frequencia sempre distincta, sendo por muitas vezes premiado. A sua vida estudiosa, sua assidua applicação, e sua longa pratica no myster d'ensinar n'esta Academia, onde sempre tem discipulos para leccionar, fazem esperar d'elle um digno professor. Oxalá que o governo de S. M. faça recahir a sua sabia escolha em tão digno candidato. ***

No *Hispanhol* de 26 do passado, le-se o seguinte, no fim da correspondencia de Lisboa:

No dia 13 d'este mez assisti aos exercicios publicos dos alumnos de musica do Conservatorio Real de Lisboa. Tudo quanto a imaginação póde conceber de bello e maravilhoso, no desempenho de tão bella arte, se encontrava alli reunido. As arias e duetos cantados pelas Senhoras Clementina e Freire, e as phantesias a pianno, pelos Srs. Amado e Corrêa, encheram de enthusiasmo os espectadores.

Aviso ao Commercio. O sal escacea consideravelmente nos portos francezes, assim como na Inglaterra, e está em grande carestia. As juntas do commercio de Granville, Saint-Malo, e da bahia de Saint-Brien, enderessaram representações ao governo, pedindo a entrada livre de saes extrangeiros para salga da pesca.

Os moradores da Praça de D. Pedro, com especialidade logistas, subscrevem para um fogo d'artificio colorado, que projectam na mesma Praça, no dia dos annos d'El-Rei, depois da representação no Theatro de D. Maria II. Diz-se que a subscripção montará a 500$000 réis.

Theatro de San'Carlos. — Sexta-feira (3) chegaramos artistas de canto e baile para o Theatro de San'Carlos. São duas 1.as damas, um tenor, e dois baixos; e uma *copia* de bailarinos. Deve vir mais, outro tenor e um bailarino. A dama Ranzi e á *cópia* Martin temos lido elogios em alguns jornaes extrangeiros. O Theatro abrirá, talvez, por estes quinze dias, se houver tempo de concluir os necessarios arranjos, com a engraçada opera de Donizzetti 'Linda de Chamounix,' ainda não ouvida em Lisboa, e em que entrarão: a dama Ranzi, o tenor Miró, e os baixos Salandri e Catallano, basso-bufo. O pouco tempo não dá logar a ensaiarse não um bailado, em que debutará a *copia Martin*; mas prepara-se ja um Dança.

Mr. Sutton acabou os seus *prestigios* no 'Circo Laribeau' Torna a apparecer a bella contradança equestre, de que o Sr. Le Grand nos deu um bonito desenho lithographico, ornado em roda com as seductoras posições de Mademoiselle Paul, as attitudes dos Srs. Coghi, Bontemps, do *famoso anão* etc. O público nada perde com a retirada do *magico* uma vez que M. Laribeau o substitue tão vantajosamente.

A importação dos vinhos de Portugal em Inglaterra, no anno de 1844, subiu a 2,980,403 galões; 554,735 galões mais que no anno 1843.

Mr. Thiers chegou no dia 3 a Lisboa, no paquete do Sul; visitou o mosteiro de Belem e a Casa-pia; foi ás Cocheiras-reaes, andou de sege vendo a cidade, e de tarde seguiu viagem para Inglaterra no mesmo vapor.

O vapor *conde do Tojal* estreou-se fazendo uma prêsa importante de contrabando. Foi um hiate portuguez carregado de tabaco e algum cha.

Estes ultimos dias teem havido alguns homicidios, e teem sido achados nas praias alguns cadaveres de pessoas afogadas nos banhos por effeito de descuido. Outros desastres se contam cuja reproducção noticiosa queremos poupar ao leitor.

No mez de settembro despacharam-se na Alfandega das Sette-Casas, para consummo: 1,924 pipas de vinho e 222 d'azeite; 27,945 arrobas de carne de vacca; 1,284 de carne de porco e 1,191 de vitella e carneiro; e fructas e vegetaes no valor de 43:877$550 rs.: além de 2,437 pipas de vinho para exportação.

AVISO.

SAINFOIN, OU ESPARCETO.

Não tendo algumas das pessoas que encommendaram ésta semente mandado buscar as porções que quizeram se lhes reservasse, e não havendo n'este escriptorio da REVISTA acommodações sufficientes para a guardar por tempo illimitado: a administração avisa que de ora em diante venderá o *sainfoin* que estava reservado para encommendas a quem primeiro o procurar, e pelo mesmo preço de 800 rs. o alqueire.